

PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP



Nº. de referência: 1

Título: "O AVEJÃO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): BRANDÃO, RAÚL

Adaptador: ?

Realizador: GUSMÃO, FERNANDO

Locutor: ?

Data de produção: 9/10/1974

Data de Emissão: 14/10/1974

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSEFINA SILVA	VELHA
RUI LUÍS	AVEJÃO
RUI FURTADO	BAETANO
ADELAIDE JOÃO	1ª VELHA
MADALENA BRAGA	2ª "
BREMILDA GIL	3ª "
BARNÉM JUDITE	GRANADA

Estado de conservação: Bom Razoável Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

Beis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREC ADMINISTRATIVA

Indexação: - TEATRO RAJIOFÓNICO

Madalena Braga

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º <u>1342</u>	PROGRAMA <u>1.º</u>
DATA DE ENTRADA <u>27 SET. 1974</u>	EMISSÃO DE <u>141 X 174</u>
PEÇA DE GRAVAÇÃO A GRAVAR EM <u>110 174</u>	<u>16-30</u> HORAS
VALOR <u>10.00</u>	VISTO
NÚMERO DO PREÇO DE GRAVAÇÃO	

MINI - TEATRO

"O AVEJÃO", de

Raúl Brandão

PERSONAGENS:

A Velha - *Josefina Silva*
 O Avejão - *Rui Luis*
 Sr. Caetano - *Rui Luís*
 Três Velhas - *1.ª - ~~Emília~~ Madalena Braga*
 2.ª - ~~Adelaide~~
 3.ª - Adelaide
 A Criada - *Carmen Judith*

*Gravação e gravação, no Estúdio A, do
 Quilhas 2, 4.ª feira, 2 de Outubro às 10h.*

7

- Sr. Caetano - Tudo correcto, tudo muito correcto.
- 1ª. Velha - Tudo em ordem.
- Sr. Caetano - Confissão, testamento, agonia. Está pronta para subir ao Céu. Só lhe falta voar.
- 2ª. Velha - Foi uma santa!
- Sr. Caetano - Diz muito bem. Foi uma santa correcta, uma santa mo delar.
- 3ª. Velha - Apoiado!
- Sr. Caetano - Não me interrompam... Uma vida de sacrifício, inteiramente dedicada a obras piedosas. Só asilos dirigiu três e duas sopas económicas. E que austeridade! Não há uma falha nesta existência. Uma! Ninguém como ela merece o nome glorificado de santa.
- 2ª. Velha - Podéssemos nós dizer o mesmo. Aquela vai vestida e calçada para a suprema ventura. Um coro de anjos já a espera lá em cima com a coroa celestial preparada.
- 1ª. Velha - Já tem panela.
- Sr. Caetano (severo) - Deixemos essas coisas materiais que não nos devem preocupar. O que ali está é uma alma. Uma alma e mais nada. Todos a vimos edificar dia a dia a sua existência espiritual, já organizando uma colecção de pobres dentre aqueles que pela sua religião, pela sua humildade merecem este nome tão evangélico de pobres...
- 1ª. Velha (entusiasmada) - Muito bem! Muito bem!

- Sr. Caetano - ...Já resistindo aos impulsos e quebrando todos os laços — até os da família — para chegar à suprema perfeição.
- 3ª. Velha - E o testamento? E o testamento?
- Sr. Caetano - Muito correcto, também. Deixa quase toda a sua importante fortuna à obra da conversão dos ímpios e o resto ao Banco Comercial, para ser administrado por homens de reconhecida capacidade.
- 1ª. Velha - Lá isso de bancos e de comércio, para uma santa, não me parece bem.
- Sr. Caetano (severo) - Ora essa, minha senhora, o comércio é o sangue da nação.
- 2ª. Velha - Muito bem fala este senhor Caetano. É um regalo onvilo.
- 3ª. Velha (baixinho) - Agora?
- Sr. Caetano - Ainda não. Amarrar-lhe os queixos, por ora não. Esperemos o último transe, para que não apareça descomposta na outra vida.
- 1ª. Velha - Ela ouvirá?
- Sr. Caetano - Não ouve nada. Está sonolenta. Já não percebe nada. É o que propriamente se chama em coma.
- 1ª. Velha - Um quê?
- Sr. Caetano - Um coma, minha senhora. É uma espécie de adormecimento que se apodera dos moribundos antes de entrarem no

reino dos Céus... Concentremo-nos um momento, visto que todos nós somos também infelizmente, mortais. (Pausa. As velhas rezam.) *illegible* Mas como ia dizendo, o que é necessário, em todos os actos da vida, é a correcção. Acima de tudo correcção. Ponham os olhos neste exemplo... Sempre austera. Sempre digna. Sempre correcta. Agora está tudo pronto. Está ungida. Vai morrer e não lhe custa nada. Não lhe custa mesmo nada. Só lhe falta dar o último passo, e vejam as excelentíssimas senhoras que serenidade se apoderou daquela alma. (Algumas lágrimas).

choram

3ª. Velha - Ela chama?

Sr. Caetano - Um pouco de delírio, que também é conveniente em quem morre. Alguma agitação — sem exagero.

2ª. Velha - Visto isso, podemos retirar-nos?

Sr. Caetano - Devemos até retirar-nos. Ela e Deus, ela e a glória eterna... Deixemos a matéria descansar antes do sono sepulcral que a espera lá para a madrugada.

A Velha (baixinho) - Antónia.

{O grupo sai e o sr. Caetano perora sempre}

Sr. Caetano - Nunca ninguém lhe conheceu uma fraqueza. Nunca ninguém lhe...

As Velhas, em coro saindo -- Que santa! que santa! que santa!

A Velha - Antónia pareceu-me ouvir vozes.

Antónia - Foi o senhor Caetano que saiu.

- A Velha - Ah!... Mas não é isso, era outra coisa... Outras vezes
- Vejo figuras.
- Antónia - É da febre.
- A Velha - E da morte. Ontem vi perfeitamente uma aventesma com
um saco às costas.
- Antónia - Delírio. Descanse um bocadinho.
- A Velha - É noite?
- Antónia - É noite.
- A Velha - Tenho medo... É talvez a hora.
- Antónia - Quer tomar o remédio! Dói-lhe alguma coisa?
- A Velha - Não, não.
- Antónia - Então sossegue.
- (A velha geme. Depois fala a figuras imaginárias: - És tu, António?... Estás aí, José? - Cai em sonolência)
- A Velha - Ah! és tu? és tu? ...É talvez a hora tremenda. És o diabo? (O Avejão ri-se). És talvez a consciência?... (O Avejão ri-se). És talvez a dúvida?... Eu nunca duvidei. (O Avejão ri-se; e ela afirma mais alto.) Nunca duvidei.
- Avejão - Fizeste-a bonita, estragaste a vida toda. (Esfrega as mãos com um riso sarcástico).
- A Velha - A minha vida é rígida e harmónica.

- Avejão - Sim, não viveste e vais morrer.
- A Velha - Não sei porquê, não te tenho medo. Com a tua figura vejo outras figuras, as dos meus mortos que estão à tua beira. Será talvez porque fui Santa.
- Avejão - Santa, ah? santa? reduzida a espírito? Os santos nunca sabem que o são.
- A Velha - Toda a gente o diz.
- Avejão - Ah! se toda a gente o diz... E tu que dizea?
- A Velha - Tirei-o à boca.
- Avejão - Para dar ao orgulho.
- A Velha - Comi côdeas...
- Avejão - Fizeste bem.
- A Velha - ... para dar aos asilos.
- Avejão - E se te enganares? Se tivesses vivido só para coisas artificiais e secas? Se a tua caridade não fosse senão uma fórmula... e tudo inútil... (mais baixo) Tudo inútil.
- A Velha - Espera-me então o inferno?
- Avejão - O inferno talvez não exista.
- A Velha - E o céu?
- Avejão - O céu talvez não exista.
- A Velha - Então que existe? que existe para mim, que passei a

vida a recalcar o instinto, a viver de sacrifícios -
a não viver?

Avejão - A que te sabe a boca?

A Velha A pó! a pó!

Avejão - Viveste de mentira. Foste iludida e gais morrer.

A Velha - Não vivi! Não vivi! Então o que é a vida superior, a vida mais alta e completa, senão este esforço que fiz sempre para esmagar os maus instintos e as paixões? senão esta tentativa desesperada para atingir um ideal? senão este calvário onde deixei a carne aos farrapos, afastando de mim o pecado? Que há mais do que isto?...

Avejão - A vida.

A Velha - Anh?

Avejão - Um nada - um minuto de ternura e dor. Piedade, sonho, um pouco de luz onde já entra a sombra - a morte. Nada. Um sorriso, com os olhos molhados de lágrimas.

A Velha - Não vivi esta vida. para chegar a outra vida.

Avejão - Que não existe.

A Velha - Tem de existir por força, ou então...

Avejão - É inútil. Tudo é inútil.

A Velha - Tudo o que fiz foi inútil? Todo o sacrifício foi vão e inútil? (O Avejão rise) Toda a minha vida! Toda a minha vida!

- Avejão - Nunca duvidaste? Há coisas em que a gente não pensa senão quando a hora soa... Lemtra-te, recorda-te...
- A Velha - Efectivamente tenho ouvido dizer que os náufragos e moribundo vêm no instante supremo desfilar toda a sua existência... É a morte já?
- Avejão - Ainda não. Hás-de ouvir-lhe os passos.
- A Velha - Tanta luta, tanto esforço, tantas discussões comigo mesma, para quê?
- Avejão - Talvez hábito, decerto orgulho, a necessidade que todos temos de construir uma obra e de a levar até ao cabo. E depois a adulação dos que nos rodeiam e aplaudem; e depois não se pode voltar a trás...
- A velha - Ah... (Espaçando as palavras.) E depois - não se pode - voltar a trás?
- Avejão - Não. Depois o irremediável, a morte, o nada.
- A Velha - É a hora?
- Avejão - Já te disse, há-de ouvir-lhe os passos. Recorda-te.
- A Velha - Recordo-me. Vejo a minha vida desfilar. Outra vez os mortos! outra vez os mortos!
- Avejão - Duma vez...
- A Velha - Duma vez... Eu não fui só secura e orgulho. O que isto me custou a espezinhar!
- Avejão - Duma vez...

A Velha

- Duma vez... Espera que eu veja e desenterre do pó o que supunha que estava sepultado para todo o sempre... Sim, vinte anos, uma alegria espontânea... E não era só alegria, não me sei exprimir... Uma primavera, o que a vida tem de maior, primavera ou sonho. Como nas árvores. Como nas árvores. Eu tinha esquecido isto... Era naquela casa velha ao pé da floresta... Também ouço agora o ruído da floresta, que nunca mais hei-de ouvir. Caem as folhas uma a uma... Era naquela velha casa abandonada... Como a floresta me parece agora um ser extraordinário!... Uma grande sala, as janelas abertas de par em par, e a floresta e o sonho a envolverem-me. Trespasada de vida, estonteada de vida... Ao pé de mim a mulher que me criara desde pequena. No lume a última braza. O grande luar perfumado entrava pelas janelas abertas. Noite igual àquela nunca mais houve no mundo. Nesse momento único da minha vida, tinha tudo decidido. Esperava apenas o sinal para fugir por esse mundo fora. Tinha-lho jurado, tínhamo-lo jurado ambos. Apesar de ele ser pobre e desprezado, eu ia levada, aturada, impelida, com a boca a saber-me a vida. Já fascinada para a desgraça, para o amor, para a morte...

Avejão

- Recordas-te? Recordas-te?

A Velha

- Ia... Era uma coisa cega e frenética como a floresta quando chega a primavera. De repente ouço-o cantar — ouço-o agora! como se a sua voz fosse um irresistível encanto a atrair-me. Parecia-me que a noite cantava e o meu coração não podia mais! Aquela voz entrava na

sala como o luar dourado e o perfume da floresta com a sua voz ~~magmática~~ magnética. Era o sinal - ia partir. — Menina, disse-me então a criada, que vai fazer? vai ser desgraçada.-- E a voz dela não era só a sua voz, era um mundo que se interpunha entre mim e mim, um mundo que não existe...

Avejão (com um riso mais sardónico) - Que não existe! que não existe!

A Velha - Mas aquela voz atraía-me, deslumbrada. Avancei um passo. — Filha, que vai fazer? vai no caminho da desgraça. — E a minha honra? e todos os laços de ferro que me prendiam? Detive-me e não fugi com ele. E agora vejo tudo. Ouço outra vez a voz, não como a sua voz, mas como outra voz imensa e profunda; vejo a floresta, não como um ser exterior, mas como uma parte integrante do meu próprio ser... No silêncio! No silêncio!... Espera, que eu não posso mais! não te rias, que eu não posso mais! Espera um momento... (Pausa) Eu não vivi.

Avejão - Ah! compreendes agora?

A Velha - Antes tivesse sido desgraçada. Como eu compreendo agora que é preciso ser-se desgraçada para se viver! Como a desgraça me parece grande, imensa, necessária para se ser feliz! Eu não vivi. Deixa-me ser desgraçada.

Avejão - É tarde, é tarde. Outra vez o viste e recusaste.

A Velha (mais baixo) - E recuei, e não me atrevi... Encontrei-o um dia, há poucos anos, velho, coçado, pobre e com uma criança pela mão, e vi-o desaparecer numa esquina, sem me atrever a chamá-lo. Oh! vi-o e vi-me! Nesse minuto

amargo compreendi que podia ter vivido e sofrido, amado e sofrido. Vi-o e vi-me.

Avejão - Agora é muito tarde. Tiveste medo da vida.

A Velha - Tive medo de sofrer.

Avejão - Agora é tarde.

A Velha - Então é tarde sempre para mim? É ~~sempre~~ sempre tarde? Não vês que preciso doutra vida? Não vivi com medo à desgraça, não fugi com medo à desgraça, não conheci o amor com medo à desgraça, mirrei-me com medo à desgraça. E só agora, que é tarde, me arrependo de não ter ouvido a voz esplêndida do amor e da desgraça. Perdi a vida! Perdi a Vida! Dá-me outra vida.

Avejão - É impossível.

A Velha - Deixa-me sofrer, só sofrer!

Avejão - Não posso.

A Velha - Deixa-me viver, que em prometo-te não acreditar mais em palavras.

Avejão - A vida é só uma. Uma vida! uma vida que se não repete! que se não repete mais. Uma hora que se perde e não torna, por mais esforços que se façam.

A Velha - Deixa-me viver rota, pobre, desprezada, com uma côdea para comer. E amar! e amar! Repara que quando tudo me seduzia...

Avejão - Deixasses-te seduzir.

... resisti à vida. Dia e noite passei-os eu e Deus. Com o pensamento na vida eterna, vivi com um cilício e uma camisa de estopa.

- Avejão - Resististe ao encanto da vida, que não torna. Não sou beste fazer o bem e não pudeste fazer o mal. A tua vida foi inútil.
- A Velha - Então eu que fui iludida tenho de morrer? Tens de me deixar voltar aos vinte anos, ao primeiro amor e ao primeiro sonho. - Aquela noite ... Aquela noite em que dei o primeiro passo para a mentira. Há mãos que se me estendiam e que eu repeli para ser santa. Há instintos que eu arredei, impulsos que vinham do fundo de mim mesma e que recalquei pelo orgulho de ser santa. Pequenas coisas que julguei inúteis e que são tão lindas!... Estou arrependida. Deixa-me ser levada por todos os gritos, por todas as vozes, por todos os instintos, como num enxurro.
- Avejão - Não.
- A Velha - Deixa-me ao menos sofrer.
- Avejão - É absolutamente impossível.
- A Velha - Mas eu quero ! (O Avejão ri-se) Mas eu quero! eu quero! Morro desesperada! Uma hora! uma hora só de outra vida! Quero voltar para trás.
- Avejão - Ninguém pode voltar para trás.
- A Velha - Mais um minuto! Mais um minuto! só um minuto!
- Avejão - Nem um minuto!

A Velha - Não quero! Não quero! (O Avejão afasta-se e outra vez se perde no escuro, com uma risada sarcástica.) Estou arrependida! Estou arrependida de ser santa! (Ao fundo a porta abre-se).

A Velha, de pé grita. - Ouço-lhe os passos! Ouço-lhe os passos!

Sr. Caetano - Está no Céu. [↑] Entrou agora mesmo na glória eterna...

regau



Programas com composição
FOLHA DE PRESENCAS

Título do programa **MINITEATRO: "O Avejão"**

Referência } N.º/R.P.L. 1342...
 N.º S.P.P.

Episódio N.º Datas { da gravação 9 de Outubro de 1974 às 10.00 horas.
 da 1.ª emissão 14 de Outubro de 1974 Programa OM.1

Director artístico **Fernando Gusmão** *Fernando Gusmão*

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Josefina Silva	<i>Velho</i>	<i>Josefina Silva</i>
Rui Luís	<i>Avejão</i>	<i>Rui Luís</i>
Rui Furtado	<i>Receitas</i>	<i>Rui Furtado</i>
Adelaide João	<i>1.ª Velha</i>	<i>Adelaide João</i>
Madalena Braga	<i>2.ª Velha</i>	<i>Madalena Braga</i>
Cremilda Gil	<i>3.ª Velha</i>	<i>Cremilda Gil</i>
Cármem Judite	<i>Arreada</i>	<i>Cármem Judite</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor
 Locutor
 Captação
 Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de de 196